

Autor *bestseller* de *A Menina de Neve*
Mais de dois milhões de livros vendidos

JAVIER
CASTILLO

o
JOGO
DA
ALMA



SUMA
de letras

*Esta obra é dedicada a todos os abraços
que deixámos pelo caminho.
Aos beijos que se foram.
Às histórias que perdemos.*

*Este é o meu pequenino grão de areia
para lutar contra os medos que o ano em que ansiámos
pela liberdade nos trouxe.*

*E quem sou eu para julgar o diabo em que acreditas,
se também eu acredito nele.*

Nota do Autor

Qualquer leitor familiarizado com as zonas de Queens, Rockaway, Brooklyn, Staten Island e Lower Manhattan irá aperceber-se de que tentei manter as descrições destes locais o mais fiéis possível à realidade, com os limites que a utilização excessiva de descrições impõe no ritmo e no desenvolvimento dos acontecimentos. Tenho também de admitir que tomei algumas liberdades para modificar alguns locais, zonas de acesso e caminhos de terra por motivos puramente dramáticos ou estéticos. Os meios de comunicação referidos são inventados, exceto os acessórios e sem importância na trama. Qualquer semelhança da história com pessoas reais vivas ou mortas, casos abertos ou encerrados e situações particulares dentro da história ou relacionadas com ela resultam de pura e omnipresente coincidência.

Capítulo 1

Madrugada de 26 de abril de 2011
Miren Triggs

Não temam, porque tudo acaba.

— Socorro! — berro, enquanto toco na barriga, com um fio de sangue a brotar entre as costelas. — Aguenta, Miren! — murmuro por entre dentes, desesperada. — Aguenta, porra!

Pensa depressa. Pensa. Chama alguém. Pede ajuda, Miren, antes que seja tarde.

Reparo que as minhas pulsações regurgitam o meu próprio sangue, como se fosse o vômito da minha alma enjoada devido às curvas desta última viagem. Foi um erro. É o fim.

Não

devia

ter continuado.

Não há ninguém na rua, mas ouço os passos que seguem os meus. A sua sombra aumentada pela luz dos candeeiros de rua cresce e desaparece, uma e outra vez: grande, diminuta, enorme, inexistente, gigantesca, etérea. Perco-a de vista. Onde está?

— Socorro! — grito novamente para uma rua deserta e escura, que me olha por entre as sombras, cúmplice da minha morte.

Tens de contar a verdade, Miren. Vá lá. Vá lá. Força! Tens de conseguir.

Não tenho o meu telemóvel, e, mesmo que o tivesse, qualquer socorro iria chegar demasiado tarde. Ninguém poderá

salvar-me antes de ele me matar. Se ligasse agora a pedir ajuda a quem quer que fosse, essa pessoa só encontraria o cadáver de uma jornalista de trinta e cinco anos, que há catorze anos tinha a alma congelada por uma noite fria e nefasta.

A luz dos candeeiros de rua fazia sempre renascer em mim aquela dor de 1997, aqueles soluços que soltei no parque enquanto, trémula, gritava por causa daqueles homens que sorriam durante aquele trauma indelével. Talvez tudo tivesse de acabar assim, sob a luz intermitente de outros candeeiros negros, no outro extremo de Nova Iorque.

Corro com dificuldade. Cada passo é uma agulha afiada a atravessar-me o lado do corpo. O caminho longo e escuro por onde me arrasto só leva à praia de Rockaway, um areal extenso e largo batido pelo vento e açoitado pela fome voraz do oceano, em frente do parque Jacob Riis. A estas horas não há ninguém. Ainda não amanheceu e a Lua em quarto minguante ilumina tristemente as marcas de passos na areia. Olho para trás e vejo que ilumina também num negro intenso os finos fios de sangue que deixo atrás de mim a cada passo. Pelo menos, o inspetor Miller poderá reconstituir o meu último percurso e o pensamento de alguém que vai morrer assassinado — o que ficará para identificar o assassino. Vestígios de ADN nas unhas, sangue da vítima no carro. Depois de me matar, irá levar-me para qualquer outro lugar e terei desaparecido do mundo para sempre. Apenas irão restar os meus artigos, a minha história, os meus medos.

Chego ao fim do caminho, viro à esquerda e, com uma agilidade que me desfaz as fibras musculares rasgadas pela ferida, mergulho num buraco de uma das estruturas de cimento do antigo Fort Tilden, abandonado à sua sorte.

O que outrora foram instalações militares agora não passa de umas ruínas inóspitas em frente ao mar, ao lado de uma praia

em forma de língua, que parece proteger Queens da voracidade do Atlântico. E, tal como o Fort Tilden, eu, que há dias era uma jornalista incansável do *Manhattan Press*, estou agora reduzida a uma miúda que grita assustada, enquanto ele corre atrás de mim. Foi nisto que me tornei. Numa nova versão dos meus medos. Num trapo sujo em que o mundo limpa as suas vergonhas e os seus segredos. Numa mulher a morrer às mãos de um traste.

Ninguém me pediu ajuda. E tive de vir sozinha. Ninguém me implorou que me metesse naquilo, mas uma parte de mim bradava que procurasse a Gina. Não sei como não me apercebi. Creio que precisava de voltar... a sentir-me morta.

A polaroide. Tudo começou com ela. Aquela polaroide da Gina... Como pude ser tão... ingénua?

Olho para os dois lados à procura de uma saída e tento ficar em silêncio por entre a respiração ofegante que me sai do peito. Ouço o som dos seus passos misturado com o vendaval. Sinto os grãos de areia a baterem-me na pele, como balas perdidas na batalha entre o vento e a praia.

— Miren! — grita, furioso. — Miren! Sai de onde estiveres!

Se me encontrar, é o fim. Se ficar aqui, vou esvaír-me em sangue. Apercebo-me da sonolência. A carícia da noite. O jogo da alma no meu coração. Esse de que falam quando começamos a perder demasiado sangue. Pressiono a ferida e dói-me como se me estivessem a marcar com ferro em brasa as palavras: «propriedade de ninguém».

Fecho os olhos e cerro os dentes, tentando conter as pontadas no lado do corpo, e surge-me, novamente, uma ideia que julgava sem esperança.

Foge.

Do meu esconderijo, ergo o olhar para analisar as possibilidades e reparo na cerca que dá para o parque Riis. Se conseguisse transpô-la, poderia correr em direção às casas de Rockaway e

pedir ajuda, mas o arame farpado que a cobre e que contorna muitas zonas de Fort Tilden parece poder rasgar-me ao meio e esventrar-me se tentar trepá-la.

Sinto-o próximo.

Não é o seu calor que sinto, mas a sua frieza. O seu corpo gélido, imóvel, a uns passos de mim, certamente a observar com desdém o triste esconderijo em que me encontro. Um filho de Deus a lamber-se pelo cordeiro que vai sacrificar.

— Miren! — grita de novo, mais próximo até do que poderia esperar.

E cometo outro erro.

No preciso momento em que ele berra o meu nome na sua voz rouca, levanto-me e corro uma última vez, tentando agarrar-me à vida, embora tudo vá acabar. Estou a sangrar, estou sozinha e a sentir-me cada vez mais fraca.

A cada passo, regressa à minha mente a imagem da Gina, o seu rosto emocionado, a sua história de dor. Sinto-a tão perto que quase posso estender a mão e acariciar o seu rosto de quinze anos, a olhar feliz para a câmara, na fotografia que publicaram quando desapareceu. Porque não o vi chegar?

De repente, algo muda. Durante uns segundos, apercebo-me de que deixou de seguir-me. *Estou de volta à vida, vou sair desta. Contarei a história da Gina. Tenho de fazê-lo. Vais conseguir, Miren.*

Estás a salvo.

Reconheço à distância o horizonte noturno dos arranha-céus da cidade. Quando estou perto deles, sinto-me sempre pequena, mas ao longe parecem pilares de quartzo a brilhar com uma luz ancestral.

A sua sombra surge outra vez. Faltam-me as forças. Já mal consigo andar. A rua deserta, a lua cheia atenta: *Estás morta, Miren, parece dizer. Nunca deixaste de estar.*

Cada passo que dou rasga-me por dentro, cada grito em que mergulho perde-se na mais profunda indiferença. Apenas o rugido longínquo do oceano se infiltra, de vez em quando, entre o som dos meus passos débeis, envolvendo os meus suspiros na escuridão.

— Miren, não corras! — vocifera.

Avanço pela praia com dificuldade, lutando contra a areia, que parece engolir-me os pés. Salto uma pequena cerca de madeira degradada que serve para conter a areia e, por sorte, chego a uma rua alcatroada, cheia de casas às escuras, que ligam o centro de Neponsit, um dos bairros de Rockaway, à praia.

Bato com os punhos na porta da primeira casa, enquanto peço ajuda, mas estou tão cansada que apenas solto um suspiro. Volto a bater, quase sem força, mas não parece haver alguém lá dentro. Olho para trás, desesperada, com medo de que ele apareça novamente, mas não está em lado nenhum. O rugido do mar engole-me. Uma onda reconstrói os pedaços da minha alma. Estarei a salvo?

Avanço até à casa seguinte, de pilares arredondados no alpendre, com gradeamento de ferro forjado, e, quando bato à porta com a aldraba e os nós dos dedos, uma luz acende-se no seu interior.

A minha salvação.

— Socorro! — grito, recuperando as forças. — Chame a polícia! Estou a ser perseguida por um...

Uma mão afasta a cortina por trás do vidro da porta e deixa ver o rosto envelhecido de uma mulher de cabelo branco, com ar preocupado. Onde é que a tinha visto antes?

— Ajude-me, minha senhora! Por favor!

Ela olha-me, arqueando as sobrancelhas, e esboça-me um leve sorriso que não me reconforta.

— Meu Deus, o que te aconteceu, filha? — pergunta, enquanto abre a porta, deixando ver a camisa de noite branca que veste. — Essa ferida não tem bom aspeto, querida — acrescenta com voz terna. — Devia chamar uma ambulância.

Olho para a minha barriga. Uma mancha vermelha alastra-se sob a minha *t-shirt*, desde o flanco até à anca. Tenho as mãos cobertas de sangue, e até a aldraba da porta está cheia dele. *Talvez o Jim descubra que cheguei até aqui, mas é melhor que não o faça. Assim, estará a salvo. Assim, pelo menos um dos dois continuará vivo.*

— Não me... não me sinto bem — digo, com uma respiração ofegante cada vez mais fraca.

Antes de tentar falar de novo, engulo saliva, que me sabe a sangue, mas ouço uns passos atrás de mim e tudo se precipita, sem que eu tenha tempo de me voltar.

No momento em que a velhinha ergue o olhar por cima da minha cabeça, apercebo-me de uma sombra junto da moldura da porta, sinto o frio da sua mão, que me tapa a boca, e, de súbito, a força do seu braço envolve o meu corpo.

É o fim.

Sinto a morte nos olhos negros da velhinha, no vazio do meu peito, no meu último fôlego com a mão dele a tapar-me a boca, sem querer...

... lembro-me de tudo.

Capítulo 2

Fort Tilden
23 de abril de 2011
Três dias antes
Ben Miller

*Corre, mana, antes que cheguem os monstros
que nos prometeram.*

O inspetor Benjamin Miller tinha estacionado o carro, um *Pontiac* cinzento com matrícula de Nova Iorque, bem no meio de um caminho de terra no interior da área de arbustos, mata-gais e vegetação selvagem de Fort Tilden, mesmo em frente de três carros de polícia com as luzes acesas.

Já tinha anoitecido quando lhe ligaram para o telemóvel. Estava prestes a levar à boca um pedaço de frango assado que Lisa, a sua mulher, tinha feito para o jantar. Ela fez uma expressão de preocupação quando viu Ben com o telefone e ouviu a pancada do garfo no prato. Ao ver-lhe o rosto sério, lamentou-se interiormente, porque sabia o que acontecia depois de chamadas como aquela.

— Achas que é a Allison? — perguntou então o inspetor Miller ao telemóvel, acrescentando após uma pausa: — Estou a perceber. Onde? Fort Tilden? Vou a caminho.

— Tens de ir agora? — perguntou-lhe Lisa, ao vê-lo levantar-se, embora já soubesse a resposta.

Aborrecia-a que o trabalho de Ben estivesse sempre presente, que fosse uma constante na sua vida e no seu espírito, mas há tantos anos que andavam envolvidos na desesperança

dos desaparecimentos que se sentou à mesa e bebeu apenas um gole do seu copo de água, enquanto esperava, não uma resposta, mas alguma informação sobre o motivo.

— Parece grave, Lisa — respondeu Ben. — Lembras-te da Allison Hernández?

— A menina de onze anos, de Nova Jérсия?

— Não... a de Queens. Quinze anos. Morena, de cabelo comprido.

— Ah, sim. Foi na semana passada, não foi? Encontraram-na?

— Acham que sim.

— Morta? — perguntou Lisa, num tom corriqueiro e triste.

Ben não respondeu. Limitou-se a ficar em silêncio e a pegar nas suas coisas, antes de se despedir, enquanto tirava o casaco cinzento do cabide. Numa pequena percentagem de vezes, o seu trabalho terminava assim: com uma chamada de uns adolescentes ou de um casal de caminhantes que avistavam um cadáver no leito do rio Hudson, a flutuar após dias à deriva ou, como tinha acontecido não há muito tempo, esquarterado no interior de uma mala. Neste caso, os membros da unidade científica tinham de reconstituir no terreno o que acontecera, além de terem também de reconstituir um corpo.

— Amanhã é... — disse Lisa, num tom de aviso.

— Eu sei. Vou cá estar cedo — respondeu, triste.

Tinha conduzido um longo percurso desde Grymes Hill, em Staten Island, onde vivia, numa casa de madeira pintada de branco, com gradeamentos nas janelas pintados de azul e um jardim resplandecente, mas uma cerca descuidada. Para chegar a Fort Tilden, tinha atravessado a ponte Verrazano-Narrow em direção a Brooklyn, acompanhado por um fluxo incessante de luzes vermelhas, enquanto pensava nos pais de

Allison e em como dar-lhes a notícia. Contornou Brooklyn pela costa até chegar à ponte da avenida Marine, o acesso mais rápido à península de Rockaway. Quando estava, precisamente, a atravessar a ponte, apercebeu-se de que a comitiva de veículos que viajava com ele tinha desaparecido e que estava a penetrar numa zona, evidentemente, afastada do bulício e do *stress* da cidade. O vazio, o espaço e a enorme amplitude entre os edifícios da zona nada tinham que ver com a sensação de opressão nas imediações de Manhattan. Rockaway parecia ter, logo desde a própria ponte de entrada, um ritmo diferente de tudo a que estava habituado. Ao chegar à planície deserta que se abria na ligação da ponte, observou vários sinais que apontavam para Fort Tilden. Virou imediatamente à direita e, a meio caminho de Rockaway Boulevard, viu dois agentes da polícia fora dos seus carros, à entrada de um caminho de terra que penetrava no parque Riis.

— Sou o inspetor Miller, da Unidade de Pessoas Desaparecidas — disse, abrindo a janela do carro. Cheirava a mar. Sentia-se o vento húmido e salgado no ar. — Chamaram-me por causa da rapariga que encontraram aqui, em Fort Tilden. Pode ser de um dos casos que tenho a meu cargo.

Os agentes entreolharam-se com uma expressão de preocupação.

— Onde encontraram o corpo? — perguntou. — Sabem... não costumo andar por esta zona. Alguém me pode indicar o caminho?

O mais baixo dos dois atreveu-se a falar:

— É ao fundo, por trás da sebe. Estamos à espera do pessoal da unidade científica. É horrível. Nunca vi nada assim.

O inspetor Miller avançou pelo caminho sem sair do veículo, enquanto avistava ao longe as luzes intermitentes dos carros da polícia que guardavam uma estrutura de cimento

abandonada, entre a vegetação silvestre que tinha invadido o parque. Enquanto avançava com cuidado para não danificar a parte de baixo do *Pontiac*, ia repetindo mentalmente as palavras do agente: «Nunca vi nada assim.»

Um agente estava a acabar de pôr a fita da polícia, atando-a ao espelho retrovisor de um dos carros-patrolha que, estacionados em frente do edifício em ruínas e cheio de *graffiti*, o iluminavam com os seus faróis. Uma agente com o cabelo apanhado no cimo da cabeça falava com dois rapazes de uns catorze anos, cujas bicicletas BMX estavam caídas ao lado de um dos carros da polícia.

Antes de sair do carro, o inspetor pegou num dossiê que tinha no banco do passageiro, em cuja capa estava escrito a vermelho «Allison Hernández».

Abriu-o e ficou uns momentos a olhar para a fotografia da primeira página: uma rapariga de cabelo castanho-escuro, quase preto, e nariz afilado olhava para a câmara com alegria. Não quis ler mais nada daquela primeira página. Conhecia de cor a história, incluindo a roupa que vestia quando desapareceu: umas calças de ganga pretas e uma *t-shirt* branca com o logótipo da *Pepsi*. Voltou a colocar o dossiê no *Pontiac* e mostrou a identificação ao polícia que estava a prender a fita, quase sem falar.

— Onde...? — perguntou Miller.

— Ali dentro. Tenha cuidado com o ferro enferrujado da porta.

— Foram eles que a encontraram? — perguntou, apontando na direção dos rapazes.

O polícia confirmou com um aceno de cabeça, quase sem falar.

— Avisaram os pais?

— Vêm a caminho. Vão ter de nos acompanhar à esquadra.

— Indica-me o caminho até...?

— Se não se importa, preferia não voltar a vê-la, inspetor. Tenho uma filha da idade dela e...

O inspetor Miller apercebeu-se de que as mãos do polícia tremiam. Era um tipo na casa dos quarenta que parecia ter bastantes anos de serviço de rua a ver de tudo, e, mesmo assim, mostrava estar demasiado afetado pela experiência. Uma cidade com nove milhões de habitantes é muito criativa quando se trata de apresentar os seus cadáveres, por isso, quando se começava a trabalhar na polícia, os agentes depressa ficavam vacinados em relação às cenas grotescas.

— Está bem. Onde?

— Aí dentro. Estão lá o Scott e o Carlos. O segundo compartimento à esquerda.

— Empresta-me a lanterna? — pediu Miller, estendendo a mão.

O agente tirou-a do cinto, mas, antes que tivesse tempo de lha entregar, emergiu da escuridão da porta um polícia latino de penteado perfeito, moreno, de um metro e setenta.

— Agente Miller?! — perguntou num grito, cujo som se misturou com o de uma onda a rebentar ao longe. A margem do oceano estava a uns duzentos metros, mas o barulho navegava no vento como se fosse uma canção sobre os sonhos. — Achamos que é a Allison. Estamos à espera da equipa forense para lhe tirar as impressões digitais e o ADN para o confirmarmos.

— Posso vê-la? — foi a primeira coisa que Miller disse.

— O inspetor é religioso? — perguntou o agente Carlos, apreensivo.

— Desde quando isso interessa?

— Hoje interessa, inspetor. Deus não estará contente com o que fizeram a esta rapariga.

— E você é?

— Claro que sim, inspetor. Deus deu forças à minha mãe para atravessar o deserto e a fronteira, quando estava grávida de mim, e também para me tornar o que sou agora. Deus foi generoso comigo. Quando chegar a casa, vou beijar a minha mulher e rezar a Deus para lhe pedir perdão.

O inspetor Miller apercebeu-se de que Carlos parecia perturbado e que tinha começado a andar em direção à porta de acesso à estrutura de cimento abandonada, convidando-o a segui-lo. Era uma espécie de nave, quase em ruínas, com alguns buracos onde antes talvez existissem janelas das quais só restavam as molduras, cuja ferrugem avermelhada resplandecia devido ao efeito dos faróis dos carros-patrolha.

Carlos avançou vários passos à frente de Miller e penetrou na escuridão, enquanto acendia uma lanterna e deixava ver o interior cheio de *graffiti*, escombros e colchões desfeitos dos quais já só restavam as molas.

— Cuidado onde põe os pés — disse Carlos, avançando pelo corredor.

— Porque disse que ia pedir perdão a Deus? — perguntou Miller, enquanto o seguia.

Carlos deteve-se um segundo, voltou-se para ele e respondeu, circunspecto:

— Por não me ter benzido perante a cruz.

Aquela frase continuou a ecoar uns segundos na sua cabeça, enquanto Carlos virava à esquerda e se perdia para lá do buraco onde antes devia haver uma porta, ao lado de um carrinho de compras enferrujado e caído no chão. Miller não desviou o olhar dele para não se perder e, para sua surpresa, quando entrou no compartimento seguinte, encontrou-se num espaço muito maior do que parecia de fora, com um pé-direito duplo. A luz de uma lua crescente passava pelos buracos dos vidros

partidos da parte superior das paredes. Miller achou que era uma sala enorme, pelo menos pelo que conseguia ver na escuridão que o feixe de luz da lanterna de Carlos rasgava. De imediato, apercebeu-se de que ao fundo havia outra luz a dançar, que iluminava os recantos da nave.

A lanterna mais distante apontou diretamente para Miller, encandeando-o.

— É o Miller, da Unidade de Pessoas Desaparecidas — disse Carlos a Scott, que já se encontrava no centro da sala à espera do inspetor, enquanto iluminava o chão que tinha à sua frente, como uma espécie de aviso para que não tropeçasse em dezenas de cadeiras encardidas, perfeitamente alinhadas em filas de doze, todas viradas para a parede do fundo.

— O que... é... tudo isto? — perguntou Miller, confuso.

— Uma espécie de... igreja — respondeu Carlos, visivelmente perturbado. — E ela... — acrescentou em voz rouca, enquanto levantava a lanterna em direção a uma imponente cruz vermelha que se erguia na parede e que o inspetor não tinha conseguido ver na escuridão.

O inspetor sentiu que as suas pernas se precipitavam no vazio, e o seu estômago acompanhou aquela sensação, como se a terra se tivesse aberto e o tivesse tragado num abismo tão negro como os medos da sua infância. Um nó que subira do coração instalou-se-lhe na garganta ao ver o corpo inerte de Allison, pregado na madeira pintada de vermelho. Com os pés apoiados um sobre o outro e os braços abertos sobre as pontas da travessa superior, estava o corpo de uma jovem de cabelo escuro, em tronco nu e com a cintura coberta por um pano branco ensanguentado. Nunca tinha visto nada igual.

Miller engoliu em seco, enquanto projetava sobre a cara de olhos fechados o rosto sorridente de Allison na fotografia que acabara de ver no carro, antes de entrar ali. Tinha metade do

rosto pintado de preto com uma espécie de pincelada que lhe tapava os olhos, como se fosse uma máscara de tinta que dava a Allison o aspeto de alguém que não queria olhar. Por baixo da cruz, o chão estava encharcado com o sangue que tinha escorrido de uma ferida no lado do corpo. A cabeça da adolescente pendia para um lado, como se estivesse a dormir para a eternidade.

— Quem fez isto? — exclamou, incrédulo.

Capítulo 3

Nova Iorque
23 de abril de 2011
Três dias antes
Miren Triggs

*Quando apostas a tua alma,
quer ganhes quer percas,
nunca voltas a ser o mesmo.*

A minha editora não podia acreditar que eu fosse reagir assim, a correr em direção à porta da livraria, à procura da pessoa que me tinha deixado o envelope com aquela estranha fotografia. Calculo que não estava habituada a ver uma das suas autoras sair assim depois de uma sessão de autógrafos. Mas nem eu esperava aquela reação da minha parte. Quando dei por mim, estava ofegante, quase sem fôlego devido ao medo súbito, esquadrinhando os guarda-chuvas da rua e procurando em todas as direções uns olhos que identificasse como ameaçadores. Tinha-me tornado imprevisível até para mim própria.

Era a última sessão de autógrafos que tinha marcada por contrato com a editora, depois de aceder a publicar um livro sobre a minha busca de doze anos pela Kiera Templeton, uma menina de três anos que tinha desaparecido em 1998, no desfile de Ação de Graças, e cujo desenlace inesperado começara por relatar num artigo publicado no *Manhattan Press* — o jornal onde trabalhava e o mais importante dos Estados Unidos.

Não tinha previsto publicar um livro sobre a Kiera, nem era essa a minha intenção enquanto a procurava, mas não conguei recusar a oferta da editora. Um manuscrito, doze apresentações em livrarias, um milhão de dólares. Tinha pedido uma licença na redação para me dedicar ao livro, demorei a escrevê-lo, mergulhei numa deriva em que lentamente me fui afastando cada vez mais do jornal e do que sempre tinha sido. O êxito inesperado do livro absorveu-me completamente e, sem dar por isso, vi-me apanhada na voragem das entrevistas e apresentações e perdi o controlo de tudo o que fazia. Pensara voltar em breve, fora sempre esse o plano, mas pouco a pouco a realidade e o êxito tinham-me afastado daquilo que verdadeiramente me fazia sentir eu mesma.

Nas sessões de autógrafos anteriores tinha-me comportado como era necessário: audaz, a explicar os pormenores da história da pequena Templeton, carinhosa com os leitores que queriam ver a minha assinatura garatujada nos seus exemplares, cordial com os livreiros que tinham despendido uma fortuna a adquirir antecipadamente dezenas de milhares de livros em destaque nas montras e nos expositores de todo o país. O livro tornara-se o mais vendido nos Estados Unidos, e eu era incapaz de desfrutar daquele êxito. Na verdade, acho que não estava preparada para aquilo, e nem sequer o desejava. *A Menina de Neve* tinha-se transformado na procura de meio mundo, no enigma de uma geração que ansiava por saber o que era feito da Kiera, o que lhe acontecera e, sobretudo, se tinha sofrido. Mas a única dor que transpus para aquelas palavras, aquela que inundava as suas páginas, fora sempre a minha, e talvez tenha sido isso que fez com que cada uma das doze sessões de autógrafos estivesse sobrelotada.

Nada atrai mais do que ver alguém a sofrer. É impossível desviar o olhar. O pranto absorve-nos, o drama domina,

e a imprensa sabe-o. Veio tanta gente àquela última sessão de autógrafos que não consegui ver quem me deixou em cima da mesa o envelope castanho ao lado dos outros presentes e informações dos leitores.

Quando peguei nele, pensei que era uma carta platônica. Um admirador apaixonado que se deixara levar pela fantasia e que tivesse chegado à conclusão de que talvez o que escrevera no meu livro demonstrasse que eu era uma boa parceira com quem passar o resto da vida.

Nada mais distante da realidade. Eu não era uma boa companhia, nem para mim mesma, e sabia-o porque me conhecia melhor do que ninguém. Era um envelope almofadado, castanho, em que alguém escrevera com letra irregular: «Queres jogar?» A mente da dona da livraria, que estava a ajudar-me a ensacar os envelopes e os presentes, lançara rapidamente aquela ideia romântica:

— É, com certeza, uma daquelas propostas eróticas. Abra-o para nos rirmos.

Não me lembrava de ninguém que me tivesse deixado aquela carta durante a sessão, embora, na verdade, não tivesse estado atenta, visto que à volta da mesa tinha havido muita gente amontoada, a tirar fotografias e a tagarelar, enquanto eu assinava, concentrada e agradecida pelo apoio.

Mas uma sensação estranha pairava sobre aquele envelope, como se fosse acompanhado pela melodia de um final trágico. A letra irregular do «Queres jogar?» transmitia uma desordem que já se tinha cravado na minha alma.

— Talvez seja um admirador louco. Dizem que todos os escritores têm um — acrescentou a livreira num tom jocoso.

— Tem letra de o ser — respondi, séria.

Na verdade, aquelas duas simples palavras pareciam dispostas a dinamitar tudo. Uma parte de mim não queria acreditar naquela sensação e desejava com todas as forças encontrar

lá dentro algo com boas intenções. Durante toda a sessão sentira-me acompanhada por olhares de entusiasmo e boas palavras, e a minha alma destroçada tinha-se agarrado àquela luz que parecia equilibrar um mundo já demasiado escuro.

Rasguei o envelope e enfiei a mão no interior. Ao tato não senti qualquer perigo, apenas um papel frio e suave. Mas quando o tirei verifiquei o que era: uma polaroide escura e mal-enquadrada com uma imagem que me deixou tão aturdida quanto gelada. No centro, uma rapariga loura e amordaçada a olhar para a câmara, dentro do que parecia ser uma carrinha. Na margem inferior branca, com a mesma letra desordenada, o autor tinha escrito: «Gina Pebbles, 2002».

Senti a adrenalina a percorrer-me a ponta dos dedos com que segurava a polaroide com autêntico pavor, enquanto procurava ao longe, na rua, alguém que pudesse reconhecer da sessão de autógrafos. Chovia, como acontecia sempre nos piores momentos, e isso tornou vãs as minhas tentativas. Caíam pequenas gotas que pareciam lágrimas. Uns vinte chapéus de chuva tapavam a vista dos dois lados da rua, e aquela visão transportou-me, de imediato, para a solidão que, de vez em quando, me assaltava, apesar de estar rodeada de gente.

É difícil sentirmo-nos acompanhados quando o mundo inteiro caminha com a cabeça erguida, incapaz de baixar os olhos para os que se arrastam nos seus pesadelos.

— O que se passa, Miren? — perguntou, atrás de mim, a voz distante da minha editora, Martha Wiley.

Não lhe respondi.

Avistei ao longe a figura de um homem que caminhava ao lado de uma menina com um casaco vermelho. Lembrava-me daquela menina. Uns minutos antes estivera à minha frente na livraria e dissera-me aquelas palavras que ainda ecoavam na minha cabeça:

— Quando for grande, quero ser como tu e encontrar todas as crianças perdidas.

Corri em direção a eles para os apanhar, esquivando-me das pessoas, dos corpos e dos casacos molhados. Senti a chuva ensopar-me a camisola, espalhando-se desde os ombros, como se as gotas fossem cubos de gelo que derretiam sobre mim.

— Esperem! — gritei.

Algumas pessoas que caminhavam pelo passeio voltaram-se para mim, mas só o tempo suficiente para se aperceberem de que não interessava. Conhecem essa sensação? Essa indiferença com que andamos pela rua? Se tivesse pedido ajuda, a reação teria sido a mesma. Cada um caminha no seu próprio inferno e poucos se arriscam a extinguir o dos outros.

De repente, vi-os parar na esquina, e tanto o homem como a menina esperaram, sob um chapéu de chuva preto, o tempo suficiente para que um táxi parasse ao lado deles.

— Deixaram...?! — gritei ofegante quando, por fim, os apanhei.

A menina voltou-se para mim assustada. O homem que ia com ela, certamente o pai, observou-me apreensivo.

— O que se passa? — perguntou confuso, enquanto abraçava a filha, protegendo-a.

A porta do táxi estava aberta, já tinham fechado o chapéu de chuva e aguardavam a minha resposta, debaixo de chuva.

Aquele olhar da pequenita deixou-me sem palavras. Percebi o medo nos seus olhos, a confusão na sua alma. O seu olhar de entusiasmo enquanto eu apresentava o livro tinha desaparecido e transformara-se em algo de que não me sentia orgulhosa.

— Deixaram...? — A pergunta parecia ter-se respondido por si, e decidi não a concluir. — Quero dizer... — retratei-me, com a chuva a ensopar-me o corpo e a esperança. — Esta

menina deixou lá um pequeno presente por ser a pessoa mais especial da sessão — disse, tentando tranquilizar a menina. Devia ter oito ou nove anos. — Deixou isto — acrescentei, tirando do casaco a esferográfica com que tinha estado a assinar os exemplares.

O pai olhou-me confuso. Parecia ter-se apercebido de que algo me atormentava. Não gostava de ser tão transparente, mas, por vezes, era inevitável revelar-se quem eu, de facto, era. Tanto o pai como a menina entraram no táxi em silêncio. Reparei nos seus olhos. Senti o que queria dizer-me: «És uma pessoa estranha.»

O pai fechou a porta do táxi e deu uma morada ao condutor.

— Toma a caneta — insisti através da janela do carro, sabendo que o meu desespero era o motivo do seu olhar aterrorizado. — É para ti. Um dia irás ser uma grande jornalista.

A menina estendeu a mão, em silêncio, e os seus dedos finos agarraram a esferográfica com tristeza.

— Dá-nos licença? Temos de ir. Isto não foi boa ideia — disse o pai.

Retirei a mão da janela e o táxi afastou-se em direção a norte, as suas luzes vermelhas a desvanecerem-se entre os outros carros, tal como aconteceu com a esperança de que eu tivesse solução. Senti o meu corpo despedaçado, apesar de ter apenas algumas cicatrizes pequenas espalhadas pelas costas.

A voz da Martha levantou-se atrás de mim com um tom que mais parecia uma punhalada, enquanto me cobria com o seu chapéu de chuva verde.

— Enlouqueceste, Miren? Não podes dar essa imagem aos livreiros. Percebes? É muito menos perseguir os leitores. Será que perdeste a cabeça? Isto é inadmissível. Tinhas de...

— Lamento... — disse, tentando acalmar a Martha. — É que a fotografia...

— Não me interessa o motivo, mas fico satisfeita por lamentares. Não vou tolerar mais comportamentos como este, Miren. Posso aceitar que sejas tímida, e dou, de facto, valor ao teu esforço para saíres da tua... zona de conforto nas sessões de autógrafos, mas preciso que vendas livros. E isso depende da tua imagem. Não podes ser histérica. Não podes parecer uma lunática. Amanhã temos duas entrevistas, uma no *Good Morning America*, e tens de ser mais... alegre. Quero ver-te rir e dizer piadas.

— Entrevistas? — perguntei, confusa. — Eu... tenho de voltar para a redação.

— Redação? Estamos a vender mais do que nunca. Não podemos deixar a roda parar.

— Só tinha doze apresentações combinadas por contrato. Esta era a última.

— A última? Estás louca? Tens de estar, não há outra explicação. Isso põe-se nos contratos para comprometer o autor na promoção, mas... quanto mais apresentações e exposição nos meios de comunicação, mais livros se vendem. Também se põe no contrato que o autor participará em todas as iniciativas de *marketing* que a editora decidir para impulsionar a venda do livro durante o ano que se segue à sua publicação. O livro acabou de ser publicado. É um êxito. Toda a gente fala dele. Toda a gente quer ver-te.

Baixei a cabeça e observei a fotografia. Tinha deixado de ouvi-la quando citou aquela cláusula do contrato.

— Miren! Estou a falar contigo.

— Tenho de voltar à redação. Há tempo que... que não me sinto viva — disse em voz alta, mas sem falar com ela.

— Vais ter tempo de voltar ao jornal, Miren — retorquiu, levantando a voz ao meu lado. — Agora é importante concentrares-te na entrevista de amanhã. Já pensaste no que vais vestir?

Não conseguia desviar o olhar dos olhos assustados da Gina na polaroide, que acumulava minúsculas gotas de chuva que competiam para percorrer a imagem até à extremidade. A expressão de terror, o trapo que lhe cobria a boca, a posição dos braços como se tivesse as mãos amarradas atrás das costas, o cabelo louro.

— É por causa dessa fotografia? Isso é uma brincadeira de mau gosto. Algum dos teus admiradores quis pôr-te à prova e conseguiu. Esquece. Esta noite vais para casa, tomas um duche, descansas e amanhã vou buscar-te. Não me desiludas, Miren. Apostámos muito neste livro.

Reparei que levantava a mão para mandar parar um táxi e que, uns segundos depois, as rodas de um travavam ao nosso lado.

— Entra, Miren. Eu peço desculpa à livreira. Que vergonha. Amanhã às oito estou em tua casa.

Abriu a porta, e ergui o olhar da fotografia para ver a Martha, de fato preto, com o seu chapéu de chuva verde, a indicar-me com o rosto sério o interior do táxi.

— Por que esperas? — perguntou num tom incomodado.

Estava ensopada. O frio da chuva era tão doloroso como a ideia de entrar para aquele táxi e estar no dia seguinte, maquiada, perante todo o país, a falar do livro e de Kiera Templeton. Suspirei resignada e dei um passo para a porta. Não me imaginava nesta voragem quando aceitei escrever sobre ela. Não pensei que iria afastar-me de tudo o que sou.

— Fico satisfeita por caíres em ti — disse por fim. — Vamos vender milhões de livros, Miren. Milhões! Além disso, tenho uma notícia que ainda não te contei. Consegui que fosses entrevistada pela própria Oprah. A Oprah! Ainda não tenho a data, mas é uma grande notícia. Vamos arrasar, Miren!

Baixei novamente a cabeça para a imagem da Gina. Tão frágil. Tão vulnerável. Tão... indefesa. O seu olhar era o meu. Os seus olhos pediam ajuda. A minha alma precisava de encontrá-la.

Estaquei quando estava ao lado da Marta e disse-lhe:

— Esta foi a última apresentação, Martha. Cancela tudo o que tenhas organizado.

Com a surpresa, ela quase deixou cair o chapéu de chuva, mas não tardou a mostrar-se insultada:

— Por acaso não ouviste nada do que eu disse? — perguntou, levantando a voz, indignada. — Amanhã às oito horas em tua casa. Pára de dizer disparates.

— Já terminei, Martha — afirmei.

— Como?

— Se quiseres falar comigo, envia-me um *e-mail*.

— O contrato é bem claro...

— Quero que o contrato se lixe — interrompi-a num tom sério, e acho que isso a fez explodir ainda mais.

— Como te atreves a...?

— Adeus, Martha — interrompi-a novamente, porque acabava de me aperceber de que ela detestava que o fizesse.

Voltei-me e, sem dizer mais nada, pus-me a caminhar debaixo da chuva, afastando-me dela.

— Miren! Volta aqui e entra no táxi!

Estava a tremer, mas não por mim. Pela Gina. Quem quer que me tivesse deixado o envelope com a sua fotografia tinha-me dado dois motivos para aquele atrevimento: o meu resgate e, quem sabe, o da Gina. Ouvei a voz da Martha ao longe, e o seu tom fez-me lembrar o choro de um bebé com birra.

— É o teu fim, Miren! Estás a ouvir? — Levantou um pouco mais a voz, o que parecia impossível. — O teu fim absoluto! — berrou uma última vez, mesmo antes de eu virar a esquina e a perder de vista.

Estava ofegante. Estava nervosa. Sentia aquela obsessão a brotar entre os meus dedos. Estaquei e deixei-me levar. Primeiro foram as lágrimas. Depois a insegurança.

— Quem te traiu, Gina? — disse para a fotografia.
— Onde estás?

Nessa altura não sabia que tentar responder àquelas duas simples perguntas iria precipitar a série de acontecimentos dramáticos que se seguiriam.

**Um jogo arriscado que esconde
um segredo obscuro.**

Um enigma impossível de decifrar.

Quem está disposto a entrar no jogo?

Nova Iorque, 2011. Uma rapariga de quinze anos é encontrada crucificada numa igreja dos subúrbios da cidade. Miren Triggs, uma repórter de investigação do *Manhattan Press*, recebe inesperadamente um misterioso envelope. No seu interior, está uma fotografia de outra adolescente amordaçada e amarrada, com uma única legenda: «Gina Pebbles, 2002».

Miren Triggs e Jim Schmoer, o seu antigo professor de Jornalismo, seguem o rasto da rapariga da fotografia enquanto investigam a crucificação em Nova Iorque e, em pouco tempo, veem-se arrastados para as profundezas de uma instituição religiosa com estranhos rituais e para um enigma indecifrável em que terão de responder a três questões: O que aconteceu a Gina? Quem enviou a fotografia? E, o mais importante, estarão os dois casos relacionados?

O que ambos não sabem é que, se entrarem neste jogo perigoso e revelarem o segredo obscuro que esconde, tudo irá mudar.

«Javier Castillo é, sem dúvida,
o novo fenómeno da
literatura europeia.»

Joël Dicker



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897873881



9 789897 873881 >